

O neopsicologismo humanista

BENTO PRADO JR.

Linguagem, ideologia — o pensamento contemporâneo gira incansavelmente em torno destes temas. Desde o lingüista soviético (tão célebre em outros campos) que fazia da língua uma infra-estrutura até os semiólogos que querem circunscrever, com seus métodos próprios, o lugar de qualquer ideologia. Ou ainda, na polêmica sobre o discurso da psicologia, da psicanálise e da psiquiatria, em sua inscrição institucional e significação ideológica. Não cabe aqui, é claro, retomar o problema em toda sua extensão. O que perdermos em alcance teórico ganharemos talvez em precisão — nem isto é certo, mas, pelo menos, permaneceremos próximos de nosso cotidiano. Queremos apenas alinhar algumas proposições sobre a linguagem e a ideologia do neopsicologismo humanista. O adjetivo “humanista” não corresponde aqui (como é freqüente no discurso estruturalista) a uma injúria — é o nome que reivindica para si toda uma série de correntes da psicoterapia americana de pós-guerra, e que conhece hoje grande sucesso fora das fronteiras dos Estados Unidos. Restringindo ainda mais nosso enfoque, cuidaremos apenas da terapia gestáltica, fundada por “Fritz” Perls, cujas obras já começaram a ser traduzidas e publicadas no Brasil.

Ao abrir pela primeira vez um livro de Perls, o leitor, habituado aos clássicos da psicologia e da tradição analítica, sofre um choque: e o que o choca é a *linguagem* que aí encontra. Sobretudo se, leitor de Koffka e Koeler, esperar da *Gestalt-terapia* a retomada da linguagem da *Gestaltpsychologie*. Encontrará, é certo, vários temas (estrutura figura-fundo, integração, etc.), mas jamais a linguagem técnica de aspiração científica da Psicologia da Forma. De uma certa maneira,

a primeira evidência é a da escolha da linguagem cotidiana *contra* a linguagem científica. É esta escolha que é preciso compreender. Para compreendê-la, comecemos por pesar os argumentos com que a própria Gestalt a justifica.

A primeira, e a mais importante, das razões invocadas para justificar a escolha parece ser crítica — ela é necessária para escapar do dogmatismo ou do fanatismo pelas teorias *existentes*. Deixemos de lado os pontos de vista sectários das diversas teorias dadas e seus jargões particulares, para descrever sem preconceito as coisas tal como se apresentam, na saudável linguagem de todos os dias. Curiosamente, mesmo quando guarda um conceito, ou o simulacro de um conceito, freqüentemente Perls o rebatiza, utilizando-se da linguagem comum — por exemplo, para superego, *upper-dog*. Mas a volta às coisas e a redução das teorias não impedia, por exemplo, a Fenomenologia (na qual Perls diz inspirar-se) de construir sua linguagem própria e fortemente técnica.

A escolha da linguagem tem outras razões, a começar pelas de ordem técnico-terapêutica. O uso da linguagem, na situação terapêutica da Gestalt, é essencialmente pessoalizante, ele deve devolver ao paciente o pleno uso da primeira pessoa do singular. Técnica de tomada de consciência — de apercepção —, a terapia conduz o paciente a assumir pessoalmente o discurso que o atravessa, se me permitem a expressão. Ao nível puramente técnico, essa exigência se manifesta numa série de exercícios de *tradução*, onde todas as proposições devem ser convertidas à primeira pessoa do indicativo. Mas, para além dessas condições puramente técnicas, podemos vislumbrar motivos que transcendem à pura tecnologia. É toda a temática existencial da *autenticidade* que está presente debaixo dessa estratégia terapêutica. É a categoria impessoal do *Das Man*, do *On* que é preciso dissolver no processo terapêutico, para devolver o sujeito à sua autenticidade no aqui e no agora, *here and now*. A técnica repousa, portanto, sobre uma antropologia ou sobre uma filosofia, numa visão da linguagem onde toda linguagem puramente teórica é desqualificada. O discurso impessoal ou teórico, diria Perls, é *bull-shit*. A linguagem não é, assim, tematizada em si mesma ou em sua autonomia mas apenas como ocasião de *contato* com o outro e consigo mesmo — e aqui é a figura de Martin Buber que aparece nas entrelinhas. De qualquer maneira, transformada em mera ocasião da presença, junto a si e junto ao outro, a linguagem perde o privilégio que lhe atribuía Freud, e sobre o qual tanto insistem Lacan e seus discípulos.

Com que direito poderia, então, indagar alguém, falar da *teoria*

da terapia gestáltica, sobretudo sem ter passado pela experiência direta, pessoal e profunda da situação terapêutica? O fato é que a GT, por mais reticente que seja em relação à pura teoria, não deixa de esboçar a sua própria teoria. E é apenas esta que nos interessa no momento — a discussão de seus princípios não implica necessariamente na discussão da técnica e de sua eficácia. Nós nos limitamos a acompanhar o discurso da GT no momento em que, abandonando o nível da terapia, vai buscar na teoria o seu fundamento. O próprio Perls, provavelmente mais antiteoreticista do que alguns de seus discípulos, mostra como, desde a origem, o seu estilo terapêutico não carecia de referências teóricas: a fenomenologia e o comportamentalismo, Adler e Rank, Jung e Reich, sem esquecer, é claro, a *Gestaltpsychologie*. Nem faltará a referência constante aos existencialismos.

Mas, como entender a coexistência pacífica entre referências tão díspares e freqüentemente contraditórias? Limitemo-nos a um caso bastante agudo — onde encontrar termos mais opostos, nas heresias pós-freudianas, do que Reich e Jung? Ou entre o materialismo energético de um e a simbologia vagamente mística do outro? Um discípulo explica, enumerando o que a *Gest. Ter.* herda de cada um dos precursores. De Jung guarda-se a descoberta da bipolaridade da personalidade e a recusa em interpretar o sonho como manifestação de uma instância mais profunda do que ele. De Adler, guarda-se o estilo da terapia orientada para o paciente definido na sua individualidade, e o respeito pela criatividade individual. De Rank guarda-se menos a teoria do trauma do nascimento do que a dialética da separação e da fusão, a polaridade dos riscos de perda da alteridade e de perda da individuação. Reich, provavelmente é mais marcante do que os demais — e dele se guarda a idéia da couraça. E assim por diante. De tal maneira que, à primeira vista, a GT aparece como uma paradoxal catolicidade de heresias.

Mas essa catolicidade é menos paradoxal do que possa parecer e o caráter heteróclito da terapia gestáltica esconde uma teleologia mais profunda. Uma convergência é possível à medida que Perls vai buscar em todos os pós-freudianos apenas o momento de ruptura com Freud. Para além das divergências entre as teorias, pode-se ler nelas o fio de continuidade da revisão, como o fez de maneira magistral H. Marcuse em *Eros e Civilização*. Segundo Marcuse, todos os revisionismos repetem o mesmo sistema de restrições a Freud: essencialmente, a teoria clássica tende a ignorar a presença e a eficácia do intercâmbio com o meio na etiologia das neuroses e na configuração da personalidade. Vítima de um preconceito biológico, Freud superestimaria o passado

filogenético e ontogenético do indivíduo, fixando de maneira injustificadamente precoce o seu destino, radicando-o desnecessariamente na esfera primária da sexualidade. Por oposição a esse preconceito biológico-genético-instintivista, os revisionistas opõem a evidência da circunstância presente na configuração da personalidade, transpondo a ênfase da ordem do biológico e do inconsciente para a ordem do cultural e do consciente, da gênese interna do indivíduo para a dialética que o integra a seu ambiente. Comentando palavras de Clara Thompson, historiadora da psicanálise, Marcuse resume o essencial do argumento revisionista:

“Poderemos compreender melhor a evolução biológica... se pusermos completamente de lado o conceito de libido” e, em seu lugar, interpretarmos “as diversas fases em termos de crescimento e de relações humanas”. Então, o tema da Psicanálise passa a ser a “personalidade total” em seu “relacionamento com o mundo”; e os aspectos “construtivos do indivíduo”, suas potencialidades produtivas e positivas “recebem a atenção que merecem” (E.C. 213).

Nessa descrição das tendências revisionistas da análise pós-freudiana estão *todos* os temas fundamentais da terapia gestáltica. A começar pela recusa da perspectiva genética que transparece no lema gestáltico do *here and now*, aqui e agora. É no *presente* que terapeuta e paciente cruzam e o passado e o futuro são vistos como fantasmas que devem ser exorcizados para o advento da consciência adequada. A neurose é o mau infinito, é a tarefa inacabada ou, mais precisamente, interminável. A terapia não passa mais necessariamente por uma análise do inconsciente; ela se transformou numa técnica de aprimoramento ou de refinamento da consciência de si. A perspectiva da terapia não subverte mais o sujeito, ela busca re-centrá-lo em seu núcleo. Se a psicanálise clássica reproduz, como sugere Foucault, a estrutura arcaica da “direção de consciência”, a nova terapia faz lembrar o estilo do “exercício espiritual”, numa espécie de ascese invertida de reconversão ao corpo e ao sensível. E é como “exercício espiritual” que a nova terapia atribui um peso inédito à idéia de *crescimento*: não é mais em termos de “cura” propriamente que se fala, mas de alargamento do horizonte da consciência de si, de multiplicação de possibilidades expressivas, de afinamento da sensibilidade. É a idéia do “homem total”, da existência plena e harmoniosa, que a psicologia “humanista” faz renascer, dos escombros da teoria freudiana. Nenhuma cisão

irreparável ameaça a unidade diamantina do sujeito, nem sequer a temporalidade põe em perigo a coesão da existência concentrada no instante. No aparelho psíquico não mais está inscrito o conflito irreduzível que opõe as pulsões instintivas às instâncias históricas da repressão — torna-se possível a imagem idílica de uma humanidade reconciliada consigo mesma, graças à boa vontade em assumir o refinamento da consciência de si. À metapsicologia pessimista de Freud, opõe-se, no fundo, uma *arte de viver*. Pois, com todas essas transformações, a terapia deixa de se articular apenas à doença mental e, como técnica de “crescimento”, aspira à generalização. Um discípulo de Perls diz: “a terapia é boa demais para ser reservada aos doentes”. Enquanto a psicanálise se protege zelosamente contra a sua vulgarização, esta terapia reivindica a sua popularização. Mas se a terapia se transforma assim numa *arte de viver*, o terapeuta abandona por sua vez seu compromisso com a ciência para assumir a função do *guru*, aquele que sabe naturalmente viver. É notável, de resto, nas novas terapias — e não apenas na Gestalt — a sedução que exerce a sabedoria oriental, técnica e religião. Mas isto não estava já contido na reforma jungiana?

Este breve percurso nos permite situar melhor o problema da linguagem da GT. O estilo da linguagem escolhida deriva da vocação mais profunda da nova terapia: da vocação que faz com que ela se esquite do domínio do *saber* para consagrar-se ao domínio da *sabedoria*. Não basta, portanto, referir essa linguagem aos pólos opostos da linguagem científica e da linguagem cotidiana. Já sugerimos o parentesco que une a GT às velhas técnicas do exercício espiritual; resta mostrar como sua linguagem retoma à sua maneira o estilo da *linguagem mística*. De uma mística que ignora a noite obscura do *Deus Absconditus* (lembremo-nos que estamos nos EUA), mas que não deixa de estar ordenada ao inefável como ao essencial. Que é, com efeito, essa adesão ao presente puro, livre de toda retrospectção neurótica e de toda inquietação com o futuro, senão uma versão psicologista do absoluto, da experiência da eternidade? A simplicidade da linguagem não deve nos fazer esquecer que é uma linguagem extática, que aponta para o chão originário pré-lingüístico. É o que ilustra o texto poético de Paul Goodman, que serve de epígrafe ao livro *Gestalt-terapia Integrada* de Erving e Miriam Polster:

“Logo ele respirava suavemente a não-geografia da perplexidade. Degustava o elixir da perplexidade, quando tudo que ocorre deve ser necessariamente uma surpresa. Ele não mais podia atribuir qualquer sentido aos seus próprios bens essenciais

(que nunca o haviam tornado feliz); podia senti-los voando para longe de si e não tentava desesperadamente retê-los. Em lugar disso, tocava seu próprio corpo, olhava em torno de si e sentia: 'Aqui eu sou e agora', e não entrava em pânico."

Vemos como o neopsicologismo é também um neo-romantismo. O texto lembra o verso de Jorge de Lima ("Se queres ilha, despe-te das coisas") e introduz uma forma de consciência semelhante à da "certeza sensível", tal como a descrevia Hegel. Não é, com efeito, a consciência sensível que crê captar, no aqui e no agora, o concreto por excelência, quando na realidade realiza a forma mais pobre e mais abstrata da experiência? O que a certeza sensível ignora, para Hegel, é a mediação da linguagem ou do universal; o que a linguagem da GT ambiciona não é suprimir um certo tipo de linguagem "inautêntica", mas a *própria linguagem*. A linguagem só pode assumir algum valor na razão inversa de sua universalidade: no máximo, ela é positiva quando exprime uma subjetividade incomparável. É o que é dito por discípulos de Perls:

"Dizer o que se quer dizer é um magnífico ato de criação, facilmente esquecido porque as pessoas falam demais. Em certo sentido, nenhuma palavra é exatamente a mesma para duas pessoas diferentes — e, amiúde, para uma mesma pessoa, em diferentes tempos ou circunstâncias — pois cada palavra é um acontecimento no qual culmina toda uma vida de sensações, memórias, desejos, imagens. Assim, cada palavra autêntica deveria ter sua única e própria configuração de sentido." (E. M. Polster, p. 155)

Mas esta redescoberta da presença imediata ou esta degustação da própria identidade não pode ficar restrita dentro do estreito âmbito da situação clínica em sua marginalidade. Já vimos que a ambição da nova terapia é popularizar-se; transformado em *guru*, o terapeuta levanta seu olhar e percorre a totalidade do social. Como no Walden II de Skinner, o psicólogo-guru torna-se utopista e, neste caso, começa a sonhar com a "sociedade gestáltica". Otimista, já reconhece alguns efeitos positivos do extravasamento da terapia para fora do espaço da clínica, começa a perceber o novo elixir circulando nas veias do corpo social. Cito ainda uma vez o livro de E. e M. Polster, escrito em 1974, onde se descreve o novo Ethos que começa a manifestar-se na vida social:

“A dissolução de tabus venenosos ocorre em torno de nós. Rapazes usam cabelos longos, rapazes e moças habitam o mesmo dormitório, negros aparecem na televisão como consumidores e não como empregados, as manifestações pela paz influenciam a conduta do governo na guerra, pessoas nuas são vistas no palco e nos filmes e as roupas tornam-se um encanto luxuriante. A psicoterapia teve um importante lugar em todas essas criações, convidando há muito as pessoas a viver sua própria realidade em lugar de engolir as estereotípias e as distorções que previamente haviam feito que os desvios em relação à norma aparecessem como patologia.” (p. 26)

Não cabe aqui discutir o *conteúdo* dessa descrição das transformações da sociedade americana. Importa mais apontar para a concepção do social que lhe é subjacente e para o otimismo que a caracteriza. Na vertente do revisionismo pós-freudiano, o conflito deixa de ser aquele que opõe irremediavelmente a dinâmica das pulsões instintivas às diversas redes institucionais repressoras. São os *tabus* (note-se o plural, no lugar do singular do *Tabu* da teoria freudiana), são os tabus que provocam conflitos e distorções e, uma vez dissolvidos pela boa vontade terapêutica, abrem o espaço da boa sociabilidade gestáltica. Se a obra de Freud fazia um diagnóstico sombrio de toda civilização, o humanismo gestáltico deposita sua fé na sociedade em reforma e na cultura de massa da sociedade industrial. Na televisão percebemos os sinais da iminência de um mundo finalmente liberto da patologia.

É tempo de finalizar. O que sugerimos é a ligação entre uma linguagem clínica de *estilo místico* e uma *visão mistificada do social*. Visão mistificada porque reduz o jogo do social ao conflito entre duas forças: as forças do “materialismo” (competição, etc.) e as forças do humanismo (reconhecimento, crescimento, criação, etc.). O diagnóstico da situação histórica presente também é cândido: o materialismo impera, porque a religião entra em eclipse. Cabe ao humanismo psicológico substituir a religião exausta. Mas, sobretudo, o grande malentendido reside na idéia da generalização da terapia para fora da situação clínica, interpretada como autodissolução da própria clínica. Tudo se passa como se a terapia perdesse sua especificidade e sua autonomia, substituída por uma forma mais ampla e rica de sociabilidade. Mas não é exatamente o contrário o que ocorre? Não podemos dizer que esta utopia propõe algo como uma *psicologização* maciça da vida social? É, na realidade, o modelo do psicodrama ou do grupo de encontro que é ampliado até as fronteiras da sociedade global.

Imaginem a sociedade como uma enorme família terapêutica. Não ocorre, inquietante, à lembrança a imagem do *Alienista* de Machado de Assis? Borges dizia detestar os espelhos porque desdobravam desnecessariamente o mundo. Será necessário psicologizar toda existência, isto é, repetir — dramatizando-a — nossa vida de todos os dias sob o olhar do terapeuta, esse espelho cada vez mais universal e inclusivo?

S. Paulo, julho de 1977.